

O TRABALHO DAS MULHERES EM ÁREAS RELACIONADAS À TECNOLOGIA E ENGENHARIA: estudo de caso sobre a inclusão feminina na construção civil

Mônica de Fátima de Oliveira¹
Maria Célia da Silva Gonçalves²
Cecília Maria Dias³
Margareth Vetis Zaganelli⁴

10

Resumo: O espaço destinado às mulheres em áreas relacionadas à tecnologia e engenharia historicamente esteve muito reduzido e o mercado da construção civil sempre dificultou a presença da mulher nos canteiros de obras. O presente artigo tem como objetivo investigar a presença da mulher na área de Engenharia Civil, avaliando as principais dificuldades e os preconceitos enfrentados pelas engenheiras no que tange à sua valorização no mercado da construção, um campo de trabalho eminentemente masculino. A pesquisa pautou-se pela modalidade qualitativa e o universo foi o município de João Pinheiro, situado a Noroeste de Minas Gerais. A amostra foi composta por entrevistas realizadas com cinco construtores e cinco engenheiras. Os resultados da pesquisa apontam que apenas duas profissionais estão trabalhando na área, mesmo assim, não atuam como engenheiras, uma é auxiliar de engenharia e a outra é empresária, fato que conduz a conclusão de que ainda subsiste desafios para a igualdade de gênero no mercado de trabalho da Engenharia Civil no município pesquisado.

Palavras-chave: Engenharia. Preconceitos. Valorização. Mulher.

1 Engenheira Civil pela Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM) E-mail monicaramos_28@hotmail.com

² Pós-doutorado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Estágio Pós-doutoral em Economic History Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO-(Benevento, Italy). Visiting Professor da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO. Pós-doutoranda em História pela Universidade de Évora em Portugal. Possui doutorado em Sociologia e mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do grupo de pesquisa MULHERES, TRABALHO E NEGÓCIOS: empreendedorismo feminino no Noroeste de Minas Gerais e Sul de Goiás (FINOM) E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

³ Mestre em Epidemiologia e Bióloga ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora de TCC na Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM) ceciliamariadiasbio@gmail.com

⁴ Doutora em Direito (UFMG). Mestre em Educação (UFES). Estágios Pós-doutorais na Università degli Studi di Milano-Bicocca (UNIMIB), na Alma Mater Studiorum Università di Bologna (UNIBO) e na Università degli Studi Del Sannio (UNISANNIO). Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Bioethik (UFES) e do Grupo de Pesquisa MIGRARE: migrações, fronteiras e direitos humanos (UFES). E-mail: mvetis@terra.com.br

Recebido em 28/02/2020
Aprovado em 01/04/2020

Abstract: The space for women in areas related to technology and engineering has historically been very small and the civil construction market has always made it difficult for women to be present on construction sites. This article aims to investigate the presence of women in the field of Civil Engineering, assessing the main difficulties and prejudices faced by female engineers with regard to their valorization in the construction market, an eminently male field of work. The research was guided by the qualitative modality and the universe was the city of João Pinheiro, located in the Northwest of Minas Gerais. The sample consisted of interviews with five builders and five engineers. The results of the research show that only two professionals are working in the area, even so, they do not work as engineers, one is an engineering assistant and the other is an entrepreneur, a fact that leads to the conclusion that there are still challenges for gender equality in the market of Civil Engineering work in the researched municipality.

Keywords: Engineering. Prejudices. Valuation. Woman.

Introdução

As mulheres vêm adentrando cada vez mais ao mercado laboral brasileiro, inclusive no exercício de funções antes consideradas como tipicamente masculinas. Este processo de inserção feminina no espaço produtivo tem se consolidado a cada dia, deixando apenas de ser uma oscilação temporária, tornando o processo de incorporação das mulheres um fenômeno social contínuo, constante e persistente (GARCIA; CONFORTO, 2012).

As mulheres conseguem ser mais valorizadas atualmente, no entanto, homens e mulheres ainda são valorizados de forma muito distinta quanto ao trabalho. Em empresas de engenharia, ainda o homem leva certa vantagem em termos de salários, porém, algumas empresas hoje estão buscando mais mulheres para construção civil, e conseqüentemente estão elevando os valores de suas remunerações, para mantê-las em suas empresas. Uma das causas, é que elas são muito atenciosas com o seu trabalho, e são muito criativas, isso pode evitar erros e proporcionar ganhos para o projeto (SANDEN, 2005).

Para Teixeira (2005), as mulheres ganharam muito espaço, não somente na construção civil, mas em todas as áreas que a humanidade necessita. Essa evolução é boa para quebrar paradigmas, e para inserir mais pessoas no mercado, o que melhora a qualidade de mão de obra. Portanto, a remuneração deve ser válida pelo empenho do profissional, e não por seu sexo.

Justificou-se a execução desse trabalho, como relevância pessoal, o reconhecimento da luta das mulheres buscando a cada dia sua independência profissional, bem como estão se destacando em todas as áreas profissionais, mostrando que são capacitadas e aptas a inserirem no mercado de trabalho. Na construção civil não é diferente, o número de mulheres ingressando nessa área tem aumentado bastante, devido sua capacidade, inteligência e persistência na busca

de sua independência profissional e pessoal.

Por que de acordo com Del Priore (2014, p.05) “vale conhecer os caminhos que as mulheres trilharam, pois, para que o século XXI seja delas, de todas elas, é preciso compreender os passos dados, corrigir rotas, sair de si própria e pensar no coletivo.” Portanto, estudar a história da mulher na engenharia é contribuir para minimizar o fosso social que a separa do mundo masculino, é contribuir para que ela seja aceita em patamar de igualdade como o engenheiro

Como relevância social observou-se que ainda hoje, a sociedade vê a construção civil como sendo um espaço bastante masculino, inclusive há falas que “canteiro não é lugar de mulher” ou “mulheres na obra nunca dá certo”, esse tipo de comentários sempre se ouve, isso leva a entender que a engenheira ainda é discriminada e desvalorizada na sua profissão pela sociedade e que tem dificuldades de inserirem no mercado impedindo assim de atuarem profissionalmente. Portanto, essa pesquisa busca colaborar para a conscientização dos Pinheirenses sobre o valor da mulher na Engenharia Civil.

Como relevância acadêmica apresentou como se faz necessário a valorização da mulher na engenharia civil, por ser considerada uma profissão que também as mulheres são capacitadas para atuar e ser bem-sucedidas, mas também devem ser respeitadas no canteiro, levando em consideração seu esforço e dedicação para ganharem seu espaço de reconhecimento e igualdade profissional.

Pesquisar sem sombras de dúvidas e contribuir para derimir mitos, e minimizar preconceitos no campo da engenharia. A sociedade brasileira de forma geral é carente de pesquisas sobre o universo feminino, fato que se acentua sobremaneira quando se trata de pesquisas sobre profissões que até bem pouco tempo atrás eram consideradas masculinas por excelência.

A presente pesquisa foi realizada com cinco engenheiras e cinco construtores no Município de João Pinheiro-MG, com o intuito de investigar as dificuldades e a valorização que ambas enfrentam no mercado da construção civil.

Aspectos importantes para as mulheres como a expansão do mercado de trabalho feminino, a ampliação e aceitação na escolarização e a participação das mulheres com domínio do assunto na política, o divórcio entre casais com a iniciativa sem causa comprovada pelas mulheres, e a reprodução com a disseminação da contracepção hormonal, entre os homens é destacado como impulsionador de uma reconfiguração da identidade feminina (ROCHA;

COUTINHO, 2000).

Conforme menção de Munaro (1992), ao final do século XX, com a industrialização das cidades, o sistema altamente competitivo fez com que trocassem as máquinas pela mão de obra masculina, já as mulheres conseguiram fechar um ciclo que começou a milhares de anos atrás com a divisão do público e do privado e também da criação da consequente estrutura mental competitiva que esse corte originou.

Algumas mudanças significativas das últimas décadas de ordem econômica, política, social e cultura ocorridas na sociedade brasileira, melhoraram e transformaram a condição feminina atual. Neste mesmo período, a mobilização negra agora organizada após a derrubada do regime de escravidão e da república, alavancou e assumiu novos patamares na disputa com o regime racista, passando a ter mais força e atuar internamente com mais eficiência em busca de políticas governamentais favoráveis a causa, bem como a demanda da sociedade em diversas políticas comportamental, política e ética (XAVIER, WERNECK, 1992).

Conforme Xavier; Werneck (1992), a situação das mulheres negras junto ao mercado de trabalho indica um quadro de iniquidade que vivemos também fora dele, apesar dos grandes esforços destinados para a transformação ao longo dos anos de governo republicanos. As mulheres negras são maioria entre as titulares dos programas de assistência governamental, como exemplo, o programa bolsa família.

Nos artigos expostos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), é possível observar que há uma preocupação com a proteção da mulher, quanto a sua capacidade reprodutiva, sua moral e quanto a sua idade. Sendo assim, os direitos das mulheres são assegurados, sendo da mesma forma em igualdade os direitos dos trabalhadores do sexo masculino (artigo 372 da CLT), com ressalva em algumas situações muito específicas. Em relação a segurança e proteção do trabalho feminino, sendo de extrema importância referir neste trabalho a Lei. 0.029/95 que veda ao empregador qualquer prática discriminatória quanto aos empregados por serem do sexo feminino. Salienta também que toda a empresa, é obrigada a oferecer nos estabelecimentos medidas concernentes ao conforto do sexo feminino (artigo 389, I, da CLT).

Tanto a legislação infraconstitucional como a Constituição Federal procuram que a igualdade de condições de empregabilidade seja de igual forma independente do gênero sexual, de remuneração monetária e acesso de cargos, funções e promoções entre homens e mulheres. Contudo, pela história sempre houve grandes diferenças não apenas aos valores dos salários pagos a homens e mulheres, mas também quanto a oportunidade de acesso ao emprego por um

empregador (CALI, 2007).

Conforme Mallard (2009) menciona, a mulher hoje consegue possuir os mesmos direitos em questão a emprego que pessoas do sexo oposto, responsabilidades e obrigações iguais aos homens. Com a mudança sociocultural foi lhe atribuída por sua vez novas responsabilidades e deveres. Isso ajudou a moldar o desenvolvimento e envolvimento da nova personalidade feminina. Sem perder as funções naturais maternas e da feminilidade, a mulher conseguiu grande evolução em todos os domínios, do trabalho humano, na arte e na ciência, na direção e manutenção da casa e dos filhos, na tecnologia, nas tomadas de decisão cotidiana e também na iniciativa sexual.

Essa imagem mostra o quanto a mulher tem alcançado os mesmos direitos que os homens em muitas profissões. O futebol é um esporte que possui muito contato físico, e que por muito tempo foi crédito apenas aos homens, porém a mulher buscando seus direitos, também conseguiu se emplacar nesse mercado. Um outro mercado que ela tem conseguido atingir também, é o setor da construção civil, sendo possível verificar o público feminino em construções civis, mostrando que o preconceito tem caído em terra, sendo o sexo feminino mais aceito em canteiros de obras.

De acordo com Amâncio (1994), há muitas centenas de anos a mulher ficava a cargo apenas de cuidar dos afazeres de casa. A sociedade atribuía as tarefas para os homens desempenharem. Com o passar dos anos, a mulher busca mais espaço na sociedade, e começa a ganhar mais notoriedade, começa a votar e a cultura vai abrindo as portas que elas comecem a se inserir no mercado de trabalho, ao ponto de competir de maneira igual, ou a desenvolverem atividades que somente os homens faziam.

Mulheres na engenharia

Carvalho e Junior (2006) relatam, a partir dos anos 70, um grande avanço na inclusão da mulher no mercado de trabalho. Neste período, muitas mulheres conseguiram ter sucesso ao ingressar no mercado, fato que antes era muito incomum devido ao grande preconceito inerente à cultura brasileira. Fato que explica, após esse período, a notoriedade do número de mulheres empregadas em vagas que não eram ocupadas por pessoas do sexo feminino.

A busca feminina por direitos iguais com os homens sempre ocorreu: ocupar cargos que eram destinados apenas para homens, competir com salários, dizer que é capaz de ser

independente e sobreviver por seus próprios méritos. Para Silva (2013), a valorização e inclusão da mulher é muito importante para a economia e para a cultura do país, pois é capaz de transmitir que elas são capazes de desempenhar tarefas, e não somente por dizer que conseguem, mas executá-las com a qualidade requerida em um determinado trabalho.

A construção civil é uma área bastante carente de profissionais. As pessoas que trabalham frequentemente em canteiros de obras, sempre relacionam as atividades com serviços pesados, pois é comum deparar com entulhos de concreto, alvenarias, madeiras, aço, ou seja materiais pesados, que exigem força braçal para removê-los ou trabalhar com eles. Justifica-se, com isso, o grande preconceito ainda existente por parte da população ao deparar com mulheres em construções civil, pois muitos acham o trabalho pesado. Outra vertente ressalta o fato delas desempenharem as tarefas com mais atenção, possibilitando acabamentos melhores. Através disto, as mulheres são inclusas e valorizadas na engenharia.

A construção civil é um ramo que possui muitos trabalhadores frequentemente envolvidos em seu processo. Segundo Lima e Heineck (1995) essa área é responsável por empregar muitas pessoas. Um canteiro possui diversos tipos de tarefas, e isso requer mão de obra constantemente, para que a edificação seja concluída nos prazos determinados.

A área da construção civil, é muito relevante em uma região, pois, ela oferece muitos empregos a uma população. Como existem vários tipos de atividades que são desenvolvidas nesse ramo, e muitos serviços requerem maior força braçal, muitos homens enquadram-se nesse tipo de perfil, sendo predominante a supremacia de presença masculina em projetos de engenharia.

Para Fontanelle (2004), são diversas atividades realizadas em uma construção, desde a base até os acabamentos finais. Os homens são muito encontrados em canteiros de obras, por possuírem atividades que exigem força braçal, porém, as mulheres já estão sendo inclusas em serviços de acabamentos, e a tendência é que elas ingressem ainda mais na construção civil, para realizar todo tipo de atividade.

Edificar uma casa, prédio ou obras de grande porte é uma tarefa árdua, que requer mão de obra para concluir todos os projetos minimizando erros na construção civil. É importante que as pessoas que atuam nesse ramo tenham experiência e conhecimento sobre o que será executado, desde serventes até engenheiros (MARQUES, 2009).

Para Heleno (2010), a área construtiva tem que executar as atividades de maneira satisfatória. Por isso, é importante que os profissionais capacitados estejam a frente dos projetos

de engenharia civil, independentemente de cor, classe, etnia, sexo, enfim, ele deve ser respeitado e fazer com que as especificações por ele feitas, sejam obedecidas na execução. Quando o profissional está à frente de um projeto, os envolvidos obedecem, principalmente quando são explicados os processos que o engenheiro (a) conversa com seus empregados.

A aceitação feminina em um canteiro de obra

Existia um grande preconceito na construção civil com a inclusão de mulheres trabalhando em canteiros de obra. Nesse meio, é comum deparar com muitos homens, e quando chegava uma mulher nem que fosse somente para visitar a obra, os pedreiros cantavam essas pessoas desrespeitosamente, isso gerava um certo desconforto para as pessoas do sexo feminino, que se sentiam constrangidas nesse ciclo (BLAY, 2002).

A mulher tem atingido os avanços na construção civil. Antes, a sua mão de obra que estava presente apenas para limpeza, ou para serviços simples, que não requer serviços mais braçais (pesados). Porém, hoje esse setor contrata muitas mulheres, alegando ainda que elas desempenham suas tarefas com mais atenção, e que em algumas atividades, elas são mais caprichosas que os homens.

Segundo Teixeira (2005), para que a mulher começasse a ser incluída no canteiro de obras, os profissionais começaram a punir os empregados que não respeitavam as pessoas do sexo feminino na construção civil. Com isso, o índice de desrespeito foi diminuindo, e quando elas estavam em canteiros de obras, eram tratadas com educação, e com o avanço da engenharia, foi aumentando o número de pessoas trabalhando em construções, principalmente as mulheres.

As mulheres a cada dia se tornam mais independentes, com isso, muitas tem imposto respeito em canteiros, chegando a bater boca exigindo ser respeitada. Para Sanden (2005), a mulher vem buscando direitos iguais, e a sociedade vem aceitando isso de maneira eficiente. Ainda existem algumas restrições, mas sua aceitação é bem reconhecida. Agora elas procuram a equivalência de salários, pois ainda acreditam que são prejudicadas nesse quesito.

[...] ainda persiste uma demarcação das áreas em que elas se encontram presentes, tanto no campo escolar como no profissional incluindo a posição hierárquica ocupada por elas nas empresas. Dessa forma, a ordem de gênero, transversal à engenharia, classifica/reclassifica e hierarquiza áreas de conhecimento e áreas de trabalho, atividades, atribuições e posições hierárquicas como mais ou menos masculinas e femininas, e as valoriza de forma diferente. (LOMBARDI, 2006, p. 199).

As mulheres eram chamadas para trabalhar na construção civil para limparem os apartamentos, ou seja, os homens acabavam os serviços imundos no interior dos apartamentos, deixando-os sujos e as mulheres eram contratadas apenas para a limpeza. Sendo considerados serviços masculinos levantar as paredes em alvenaria, rebocar todo o interior, assentar as cerâmicas e fazer todo o emassamento. O homem ganhava por tudo isso e a mulher vinha, em seguida fazendo a limpeza do apartamento para serem entregues aos proprietários (SOARES, 2002).

De acordo com a menção de Sanden (2005), na intenção de reduzir alguns custos e falta de mão de obra especializada e/ou profissional nas obras, os empresários encontraram a solução para o problema diante a mão de obra feminina. Assim começou a aceitação dos serviços femininos no ramo da construção civil, com as contratações as mulheres passaram não somente a fazer a limpeza, mas também fazer o emassamento, o assentamento das cerâmicas, ou seja, elas faziam uma dupla função e ganhava um mesmo salário, tendo assim uma exploração da mão de obra feminina. Então a partir de 2010, conseguiram ter uma inserção maior junto ao setor, pois, hoje, já fazem o emassamento, algumas assentam os tijolos para a alvenaria, fazem reboco, tem pedreira de formação.

Conforme Blay (2002), ainda existe uma certa discrepância em termos de salários em se tratando de homens e mulheres. Existem empresas que pagam valores maiores ao homem, mesmo eles possuindo o mesmo cargo, isso ainda ocorre devido a cultura do país, que sempre valorizou muito a mão de obra masculina no mercado de trabalho.

Metodologia

Área de estudo

O estudo foi realizado no município de João Pinheiro/MG, utilizando da metodologia qualitativa. João Pinheiro (figura 1), é o maior município em extensão territorial do estado de Minas Gerais com uma área de 10.727,471 Km². Segundo (IBGE/2016) possui uma população estimada de 48.472 habitantes.



Figura 1- Localização da cidade de João Pinheiro-Mg.
Fonte:(Pereira, 2014.)

Materiais e métodos

O estudo de caso visou coletar dados no meio de um local desejado, apontando as características do mesmo. Assim, o profissional poderá analisar se as informações da empresa estão dentro dos parâmetros normativos estabelecidos ou não (AMANCIO, 1995).

De acordo com Lazzarini (1997), o método Estudo de Caso é uma abordagem de qualidade e muito utilizado para a coleta de dados em todos os estudos organizacionais e de pesquisas, embora, existam críticas sobre a objetividade, rigor suficiente e a manipulação dos dados em alguns casos, este método é o mais utilizado para a coleta de dados atualmente.

A presente pesquisa foi um estudo de caso sobre a inclusão da mulher na construção civil, com a finalidade de analisar as dificuldades e a valorização da engenheira civil no município de João Pinheiro/ MG. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa usando de instrumentos quantitativos se amparando ao uso de dois tipos de instrumentos de coletas de dados, os questionários e a observação.

Este estudo priorizou a abordagem qualitativa, pois tem caráter exploratório, estimula os entrevistados a pensarem livremente determinados comportamentos, opinião e suas expectativas sobre o tema abordado (LIMA, 1995).

Partindo da definição do método, levando em conta que esta pesquisa foi utilizada dois instrumentos, a observação e realização de questionários através de entrevistas. O tempo destinado à pesquisa foi de duas semanas. As observações foram feitas em quatro dias, dois dias

destinados a cada engenheira, o objetivo da observação foi analisar como as engenheiras são tratadas no canteiro pelos colaboradores da obra.

Foram feitos dois tipos de questionários, um destinado aos construtores o qual conteve cinco questões a fim de analisar se existe a preferência entre o homem e a mulher como profissional. O outro questionário foi destinado às engenheiras com quatro questões fechadas e quatro abertas com a finalidade de investigar as suas dificuldades e valorização no mercado.

Os questionários foram feitos individualmente por meio de entrevista. Tiveram questões abertas e fechadas. As abertas tiveram a função de especificar o pensamento do indivíduo pesquisado e as fechadas de obter dados precisos que não necessitam de imposição de pensamento.

As entrevistas foram realizadas no horário disponível de cada entrevistada e as observações aconteceram em horários que as engenheiras eram chamadas nas obras para algum esclarecimento de seus colaboradores.

Resultados e Reflexões

Na primeira parte da pesquisa foram entrevistados cinco construtores. Quando questionados a respeito da preferência por homens e mulheres no momento da contratação ambos responderam que não há, que não existe preferência, que a preferência é pelo domínio técnico construtivo, currículo e experiência.

Quanto às vantagens de se contratar uma engenheira alguns ressaltam que são mais prestativas e cuidadosas e quando se diz a respeito das desvantagens eles temem a falta de respeito da parte dos colaboradores.

Quando questionados sobre a diferenciação do salário a resposta foi que não existe essa diferenciação, que cada caso é um caso que depende do conhecimento e da experiência.

Características dos participantes da entrevista.

Foi feito quatro visitas de observação no canteiro de obras com duas engenheiras. Os canteiros de obras são locais onde são desenvolvidas as atividades de construção do projeto final. Diante disso, existe um grande número de operários e profissionais acompanhando com frequência as tarefas realizadas da engenharia. Essas áreas existem muitos serventes e pedreiros

no local, e qualquer mulher que passe na rua, são cantadas por eles. Por isso, esse local é bem masculinizado, sendo difícil a adaptação da mulher (CARVALHAL: JUNIOR, 2006).

Diante dessa informação, quando foram chamadas para a visita nas obras foi observado total respeito por ambas e não tiveram nenhum problema em relação ao canteiro, esclarecendo todas as dúvidas solicitadas pelos pedreiros, sendo ouvidas e atendidas com atenção.

Dados referentes aos perfis dos participantes da entrevista.

Pode-se observar através dos perfis dos participantes do processo de verificação da valorização da mulher na construção civil no município de João Pinheiro, as idades das entrevistadas, conforme mostra a figura 2.

20

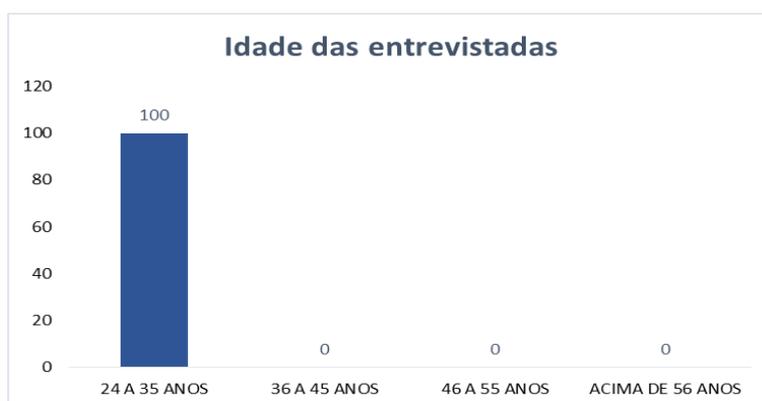


Figura 2 – Idade dos participantes em porcentagem.

Fonte: Pesquisa direta

Nota-se que a idade entre as engenheiras são de 24 a 36 anos. Uma idade relativamente baixa ainda para os padrões da engenharia.

Para Marques (2006), qualquer pessoa que é formada, e não possua pelo menos 10 anos de carreira, ainda sim, não é bem aceita pela sociedade. Portanto, as entrevistadas considerando esse fator, são pessoas novas, algo que pode ser compreendido de maneira suspeita pela sociedade, levando em conta o comentário do autor.

Outro item abordado foi o tempo de formação das profissionais envolvidos, que pode ser ilustrado na figura 3.

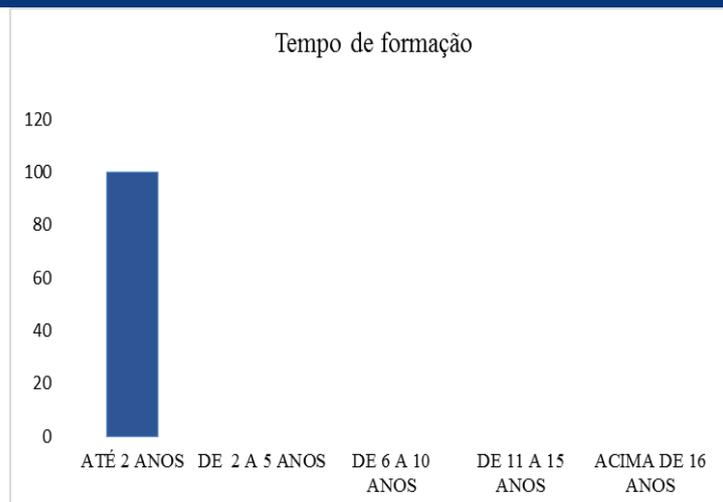


Figura 3: Tempo de formação em porcentagem.
Fonte: Pesquisa direta

Através da figura, pode ser verificado que além de serem relativamente novas, elas possuem pouco tempo de formação, ou seja, são praticamente recém-formadas, algo que é visto com certo preconceito pela sociedade, uma vez que o profissional ainda não possui muita experiência no ramo, independente do sexo.

Quando um aluno consegue concluir seu curso, embora ele tenha aprendido muita coisa teoricamente dizendo, muitos não conseguem fazer estágio, e o mercado cobra experiência dos profissionais, por isso, recém-formados são incluídos como inexperientes, e o mercado já julga isso, e sendo mulher para o serviço de construção civil, ainda encontra esse tipo de preconceito (CARVALHAL; JUNIOR, 2006).

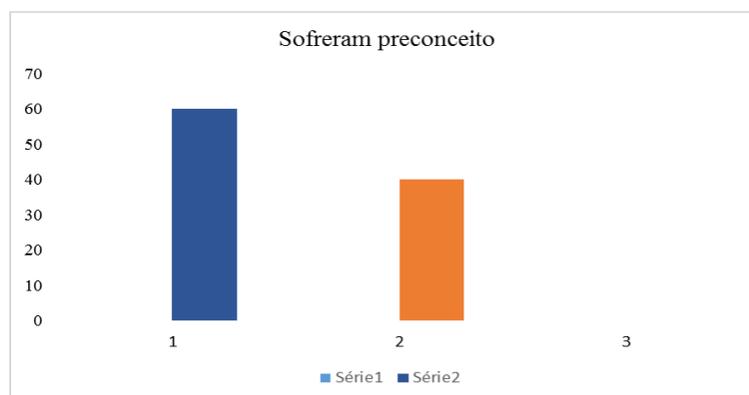


Figura 4: Preconceito sofrido na profissão.
Fonte: Pesquisa direta

De acordo com a figura acima pode ser analisado que 60% das mulheres sentiram algum

tipo de preconceito. Já, as outras profissionais que responderam não, dizem que sempre foram tratadas de maneira igual em um canteiro de obras, que nunca sentiram desconfortáveis diante da sociedade, pois, foram acolhidas de maneira bastante amorosa.

A figura abaixo mostra a satisfação das engenheiras profissionalmente:

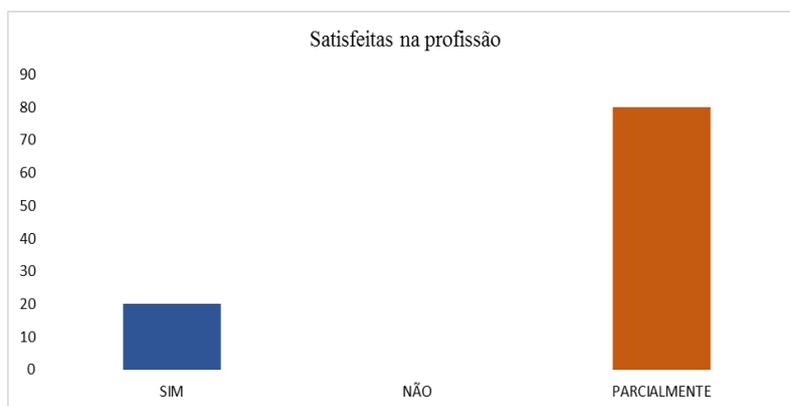


Figura 5: Satisfação profissional em porcentagem.

Fonte: O autor.

As respostas estão baseadas nas expectativas de cada profissional. A que respondeu que sim, que está totalmente satisfeita, relata que já está trabalhando na área e está atingindo seus objetivos, até mesmo financeiros, que ela pode se dizer uma profissional totalmente satisfeita.

Por outro lado, as que responderam parcialmente, dizem que o mercado ainda credibiliza maiores salários aos homens, e que falta oportunidade para elas, pois a empresa prioriza a diminuição de gastos e por esse fato, não estão realizadas totalmente.

De acordo com as perguntas abertas foi feito o questionamento se elas acreditam que ainda existe preconceito na profissão. Todas responderam que sim, embora duas nunca sofreram nenhum preconceito na profissão, mas afirmam que existe sim, pois já ouviram chefes dizer que preferem homens, pois na empresa onde trabalhava eles prefeririam contratar homens pra trabalhar em campo porque as exigências são grandes de acordo com as leis trabalhistas, o que diminui as chances de contratação de mulheres, que é muito mais viável contratar homens que terão um gasto a menos no que se diz a respeito de banheiros femininos no canteiro.

A própria NR 18 diz - Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção, sempre exige que os projetos de engenharia possuam cômodos destinados ao público feminino, como banheiros, alojamentos, entre outros. Isso é muito bom para o lado profissional, pois, incentiva as obras a se adequarem e a receberem mulheres em seus canteiros, mas pelo lado do empregador é sempre um gasto a mais.

Uma das engenheiras relata que o preconceito sofrido não foi no canteiro, mas sim do próprio patrão.

O preconceito é mais aqui no escritório mesmo com os chefes, muito machismo sabe, o machismo é muito grande, lá na obra não. Até que eles tiram muitas dúvidas com a gente, os pedreiros, até que com eles não. Mais é com os maiores. Com os serventes não convivo muito, convivo mais é com os pedreiros e nunca tive nenhum problema. Agora os chefes se tiver que tirar dúvidas não tiram comigo, mas sim com os técnicos que são homens. (Engenheira entrevistada).

Quando questionadas sobre as dificuldades na área da construção civil por serem mulheres elas não vêem nenhum problema em relação a esse quesito, o problema é a falta de oportunidades para inserirem na área. Com relação a esse fato uma das engenheiras ressalta que já aconteceu dela ir a uma entrevista de emprego e a pessoa falar que ela tem perfil, o currículo é ótimo, mas que está procurando um homem.

O homem tem privilégios no mercado da engenharia. A sociedade visa muito o homem como líder se tratando de construção civil, pois, os operários não gostam de serem comandados, ainda mais por mulheres. Por que já é difícil de serem comandados por homens, e quando a mulher fala, eles não credibilizam a opinião da mesma, falando que o trabalho é para homem, e não para moças (LOMBARDI, 2006).

Quando foram questionadas sobre o que falta para as engenheiras civis hoje a principal resposta foi a falta de oportunidade para inserirem no mercado da construção civil, um voto de confiança para as mulheres da parte do empregador. Ressaltam também que o mercado está escasso, muita gente formou e não tem mais aquele campo aberto como se tinha antes, com a crise eles aproveitam e contratam mão de obra mais barata e como se tem muita gente qualificada no mercado isso torna mais complicado. E João Pinheiro ainda é um município com poucas oportunidades, onde os estudantes formam e precisam ir embora para outras cidades a procura de emprego e concluem que estão se qualificando fazendo pós-graduação e cursos de complementação para se diferenciarem no mercado.

Considerações Finais

Conclui-se que as mulheres ainda não alcançaram tanta credibilidade quanto o homem se tratando de atividades relacionadas a construção civil aos olhos da sociedade, de maneira direta ou indireta. Portanto, sua aceitação no mercado de trabalho tem acontecido de maneira

satisfatória, alcançando cada vez mais, trabalhos que eram designados apenas aos homens. E na cidade de João Pinheiro-MG, elas possuem uma boa aceitação, no que se refere ao respeito no canteiro, porém, os maiores salários, ainda são destinados ao público masculino.

É necessário que a cidade valorize mais as profissionais que atuam na área permitindo que tenham mais oportunidades pois são muito atenciosas na análise e execução dos projetos, ótimas em definir designers, captando com excelência as aspirações do cliente.

Referências

AMÂNCIO, L. Masculino e Feminino. **A construção social da diferença**. Porto: Edições Afrontamento. 1994.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,direito-e-igualdade-juridica-direitos-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho,34094.html>(Acesso em 21 de setembro de 2016)

_____. Congresso Nacional. **Artigo 389, I, da CLT. Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,direito-e-igualdade-juridica-direitos-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho,34094.html>. (Acesso em 21 de setembro de 2016)

BLAY, E, A. (Org.) **Igualdade de oportunidade para as mulheres**: um caminho em construção. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

CARVALHAL, T.B; JUNIOR, T, A. **A inserção da mulher no mercado de trabalho e no sindicato**: uma contribuição aos estudos de gênero na geografia. In: Revista Ciência e Geografia, AGB/Bauru, v.8, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulheres**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FONTANELLE, M, A, M. **Oficina virtual sobre competências didáticas dos gerentes de obras e técnicos de segurança**. 2004. Dissertação (Pós-Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GARCIA, Lucia dos Santos e CONFORTO, Ecléia. **A inserção feminina no mercado de trabalho urbano brasileiro e renda familiar**. Artigo: **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**, postado por André Luis da Silva Baylão andrebaylao@gmail.com CEDERJ/FACSUM/UNITAU Elisa Mara Oliveira Schettino elisamos@uol.com.br FACSUM. Disponível em: www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf (acesso em 20 de setembro de 2016)

HELENO, Guido. **A construção civil e a edificação de um país**. Revista Brasileira de Administração, Brasília, ano 20, n.75, p.22-29, mar. /abr. 2010.

LAZZARINI, Sergio Giovanetti. **Estudos de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e limitações do método.** In FARINA, Elizabeth (coord.). Estudos de caso em agribusiness. São Paulo: Pioneira. 1997.

LIMA, I; HEINECK, L, F, M. **Gestão da Qualidade na Construção Civil:** Uma Abordagem para Empresas de Pequeno Porte. Uma Metodologia para a Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho Operário da Construção Civil. Programa da Qualidade e Produtividade da Construção Civil no Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre, 1995. p.169-196.

LOMBARDI, Maria Rosa. A engenharia brasileira contemporânea e a contribuição das mulheres nas mudanças recentes do campo profissional. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, n. 2, p. 109-131, 1. sem. 2006.

MARQUES, Edmilson; Peixoto, Maria Angélica;(org.), Nildo Viana e Pinheiro, Veralúcia. **A Questão da Mulher –Opressão, Trabalho e Violência.** Rio de Janeiro: Editora Ciências Moderna Ltda. 2006, p.32

MARQUES, G, D. **Produtividade da mão de obra na execução de edificações industriais.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Civil) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2009.

MALLARD, Suzana Duarte Santos. **Ambiente de gestão e formalização de ideias, discussões, grupos e projetos.** 2009. Postado em <http://sinalizando.blogspot.com/2008/02/mulher-do-sculo-xxi.html> disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,direito-e-igualdade-juridica-direitos-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho,34094.html> (Acesso em 21 de setembro de 2016)

MUNARO, Rose Marie, A mulher do terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro/Rio de Janeiro: Rosa do Tempos ,1992, p.189

ROCHA – COUTINHO, (2000), citado por VENTURI, Gustavo e GODINHO Tatau (orgs.), **Mulheres brasileira e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** Edições SESC SP, 1996, p.49

SANDEN. A.F.M.S. **A mulher e o mercado de trabalho no Brasil globalizado.** Universia. 2005.

SILVA, M, R. **CANTEIRO DE OBRAS, LUGAR DE MULHER? UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO NO ÂMBITO DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE FORTALEZA- CE.** Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Políticas Públicas e Sociedade, 2013. Disponível em http://uece.br/politicasuece/dmdocuments/mayra_rachel_da_silva.pdf, acesso em 26 de abril de 2016.

SOARES, A, C. N. **Mulheres chefes de família:** narrativa e percurso ideológico. Franca: UNESP-FHDSS, 2002.

TEIXEIRA. Z.A. **As mulheres e o mercado de trabalho**. Universia. 2005.

XAVIER, Lúcia e WERNECK, Jurema, **Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho?** Citado por VENTURI, Gustavo e GODINHO Tatau (orgs.), **Mulheres brasileira e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. Edições SESC SP, 1996, p.49